

Loanda, com 109 anos de idade, preto de cabelos ruivos, casado pela "cinco vez" com uma cabocla de 32 anos. Tinha servido como foguista no vapor Nacional Tamandaré e também na guerra do Paraguai. Conheceu o campo de Santana em praça rasa e carregou pedra na cabeça para o calçamento da rua Larga de S. Joaquim, na Capital Federal.

Esse raro espécimen antropológico morava há dezenas de anos num obscuro recanto lateral da estrada Rio-São Paulo, em cuja construção também tomou parte. Ofereceu-me feita e amável hospedagem e ao apresentar-me a calejada mão amiga para o enlace tristonho do adeus, atirou-me face a face a quadra seguinte, que bem caracteriza a simplicidade elevada do sentimentalismo regional nesta parte da Baixada de Sepetiba:

Ingiato, quando te foies,
Me tires primeiro a vida,
Pois eu não tenho coragem
De ver a tua partida

E assim, quem trafega pela rodovia Rio-São Paulo, na altura do quilômetro 51, ignora o que se passou no velho solar abrigado do vento sul, escondido atrás da muralha do Palmital, do casarão que dominava os piados cheios de moráceas, onde bastavam três pés de amoeiras mantidas anã para produzirem 20 quilos de fôlhas, alimento suficiente para os síngos produzirem um quilo de casulos.